



Semanario alegre de critica ligeira

IMPARCIAL *ORGÃO DO BOM SENSO* INDEPENDENTE

DIRECTOR-LITTERARIO
RISO AMARGO

DIRECTOR-GERENTE
RISO DOCE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Aurea, 149, 2.º — LISBOA

EDITOR
Thomaz Rodrigues Mathias

Typ. do COMMERCIO DE PORTUGAL
R. IVENS, 35

N.º 2

Domingo, 13 de Novembro de 1898

I ANNO

A' Imprensa

O GATO espera merecer
qualquer referencia dos seus
collegas da Imprensa perio-
dica.

◀◊◊▶

IMPRENSA

MAIS ou menos, a Imprensa afina pelo mesmo diapasão no côro de censuras contra a lei, que a rege, e que falsamente se diz de liberdade, quando é simplesmente de prisão.

Exceptuamos, é claro, os órgãos officiosos, que esses são um simples echo do poder... echo, para não lhes chamarmos outra coisa.

A esse afan de protestos, mais ou menos violentos, mas sempre justos, responde o governo augmentando o numero de querellas, ordenando o seu rapido andamento, finalmente, apertando cada vez mais os orificios do crivo, por onde joieira o que diariamente por ahí se escreve.

Não ha, pois, um simples proposito de repressão, ha sobretudo a revelação do mais solemne desprezo pela instituição respeitavel da Imprensa.

Antes de mais nada, contra esse des-

prezo, e como simples desabafo, lavramos nós desde já o nosso vehemente protesto, comquanto saibamos que elle tem tanto de sincero como de inutil.

O governo erra palmarmente no caminho que segue; jornalistas exilados, outros fugindo, outros na cadeia, dão mais ao estrangeiro cauto a certeza do medo governamental, do que dos suppostos excessos do jornalismo.

Um governo que teme a Imprensa, é porque tem a consciencia de que prevarica, e quer inutilisar o inimigo, que o desmascara.

Um governo, que conscientemente prevarica, exauctora-se, e d'esse perdimento de prestigio vem, após o descredito, que esse é immediato, a consciencia popular, por demorada que seja, a insinuar ás massas processos, que muitas vezes são terriveis.

Parece paradoxal que um governo tenha medo e ao mesmo tempo manifeste desprezo pelo espectro, que lhe causa horror.

Mas esse desprezo, como tantas coisas da vida, e os exemplos não faltam, póde ser um simples disfarce e nada mais.

O certo é que, sendo unisonos os protestos contra a estupenda lei de imprensa e fórma rigorosa como se applica, o governo, longe de attender ás justas recla-

mações do jornalismo indigena, exerce pressão, além da que a lei já encerra, sobre os seus subordinados, para que sejam incançáveis e pressurosos. . .

Dar-se-ha o caso que, debaixo d'esta apparencia despotica, haja a lucida consciencia dos verdadeiros homens liberaes, e que o fim — que seria então magnanimo — de tanta repressão, de tão implacavel perseguição contra os fóros da Imprensa livre, tenha em mira simplesmente provocar mais rapidamente a reacção e o accordar d'este amolentado povo?

Talvez. . . No entanto o tempo presente é mau, por melhor que se nos antolhe o futuro. . . que, aliás, bem caliginoso e indeciso se nos afigura.

Ponhamos, porém, de parte o medo que o governo tem pela imprensa, se é que o tem, e tratemos só do desprezo, que por ella patenteia.

Revela-se, como dissémos, no avolumar constante dos processos pelos chamados delictos de imprensa, mas não é só n'isso.

Ainda não ha muito, uma das principais folhas diarias, cuja importancia ninguém contesta, soffreu uma grande decepção, vendo o effeito nullo que teve uma tenaz e demorada campanha, que sustentou contra um alto funcionario hospitalar. Decepção tanto mais humilhante, quanto é certo que essa folha não perde occasião de realçar a sua influencia na resolução d'este ou d'aquelle assumpto, pois dando conta do pouco ou do muito que a imprensa consegue, accrescenta sempre: «como fomos os primeiros a fazer sentir», «como aqui reclamámos», «attendendo-se emfim á justiça das nossas censuras», etc.

Como este, muitos outros exemplos poderíamos apontar, em que o desprezo das altas regiões pela imprensa é manifesto.

Mas, se as nossas observações são fundadas, e os factos é que respondem por ellas, tratemos de ver quem é culpado d'este estado de coisas.

Evidentemente é a propria Imprensa,

desunida, ciuamosa, cuidando mais dos seus interesses particulares do que dos da collectividade, ou do Paiz.

N'esta epocha egoista, de encarniçada *lucta pela vida*, a nada se attende senão á avida ancia de supplantar o *official do mesmo officio*, quando se lhe não prepara a ruina, e a enriquecer.

E muita vez aquelles mesmos, que vingaram alcançar uma posição preponderante e largas riquezas, curvam-se ainda subservientemente perante o poder! . . . não vão perder alguma noticia em primeira mão, ou o favor complacente de dado ministro.

Mal vae assim a Imprensa Lusa! Deixando perder os ultimos reductos da sua incontestavel força, occasião virá em que queira emendar a mão e já não seja tempo. . . por terríveis desgraças terem já destruido o pouco que nos resta de povo. . . livre!



BICO AUER

Unico premiado com a medalha de ouro
na Exposição Industrial Portuguesa
Porto 1897

EXPOSIÇÃO PERMANENTE
Grande variedade de candieiros e mais accessorios
para o BICO AUER

50 — Rua Garrett — 52



BOM SENSO

Não faltaram censuras ao sub-titulo do nosso semanario, a censura está na massa do sangue nacional, a deturpação das intenções boas igualmente, e a má-língua, leviamente empregada, isso então não ha critico de nascença, que se preze, que não a bufe ferozmente.

Ora a censura cae, sabendo-se a intenção, e a critica leviana póde bem ir para onde não faça damno; não faz cá falta alguma.

Orgão do Bom Senso, quer dizer que o **Gato** publicará gostosamente todas as revelações do Bom Senso indigena. Ora ali está!

Resta saber se o Bom Senso existe.

O Senso *commum* sabemos nós que é a coisa mais *rara* da actualidade, e tanto que pouco se emprega a phrase na fórma affirmativa, diz-se sempre «não tem senso *commum*», nunca se ouve «tem senso *commum*».

Naturalmente os reparos feitos ao nosso subtilo fundaram-se em nos suppõem muito vaidosos, alardeando o nosso bom senso; não teremos muito, talvez, mas se não julgássemos ter algum, futil e ignaro seria pôr um semanario na rua, mesmo de critica ligeira, como este.

De resto, onde ha tão pouco, não é preciso ter muito para ultrapassar a craveira vulgar, — o caso do rei em terra de cegos.

Quantos d'esses más-linguas invejosos, que passam o dia a lustrar os casacos nas humbreiras da Monaco, ou nas esquinas dos sitios frequentados, são incapazes de produzir, e teem, quando muito, uma tal ou qual gymnastica de lingua farfante?!

Quantos outros dizem mal sómente para se darem ares, ou por estarem vendidos a *amigos*, que teem rasca na assadura de qualquer hebdomadario, e sabem que os recursos de que dispõem só dimanam do favor, pelo que sempre receiam a appareção, com symptomas de triumpho, d'um collega independente, e que não bajula?!

Ninguém ignora que certos periodicos devem a vida artificial, que exploram, ás influencias que directamente lhes veem de certas repartições publicas. Adeante...

E como não baste esse deprimente favoritismo, quando apparece desassombradamente um collega, que nada quer dever, senão ao pouco que possa merecer, os taes *amigos* encarregam-se de fazer uma propaganda de descredito, e não se pejam de empregar os mais pifios e deshonestos meios.

Ora a singeleza dos nossos processos de trabalho é evidente; a pureza das nossas intenções provar-se-ha. Poderemos errar, mas não nos desviaremos do caminho que o dever e o tal bom-senso aconselha.

De resto, damos de barato tudo que contra nós se possa forjar, e votamos o melhor do nosso desprezo e do nosso nojo á magna coorte de zoilos abiltrados, que por ahí pullulam, como cogumellos venenosos, depois da chuva.



Lopes de Sequeira & C.^a

Modas e confecções

← Sempre novidades

RUA AUREA, 285 a 293

LISBOA



Conceituosamente escrevia ha dias um collega :

«Realisam-se hoje em todo o paiz, excepto em Lisboa, as eleições municipaes.

Vence o governo sem a menor duvida.

Se os regeneradores estivessem no poder venciam elles. A este respeito não ha duas opiniões differentes.»

Ora aqui está uma das razões do descredito a que chegou o rico systema em que vivemos. Deprimente em si proprio, e para quem o supporta, com a consciencia de que não presta.

Pois não é ridiculo fazer-se uma coisa, além de absolutamente inutil, prejudicial, por causa dos dinheiros que n'ella se esbanjam? Coisa que directamente podia ser executada, sem a comedia das eleições, nomeando directamente os edis.

Era mais leal.

Não ha duas opiniões discordantes sobre o caso, pondera o distincto articulista, quer dizer, toda a gente sabe que as eleições são uma historia, mas toleram-nas assim, logo, são pelo menos... imbecis.

O sublime espirito de João de Deus tratou o assumpto primorosamente, pelo que convidamos o leitor de bom gosto a lèr a nossa pagina séria.



A *Vanguarda* escreveu, ha pouco, com soberana justiça, o seguinte :

«Chega a parecer um d'aquelles bons ditos pantagruelicos, que envolviam fina critica, satyra e bom gosto, o nome que é costume dar á lei que regula a manifestação do pensamento: «a lei da liberdade de imprensa» Se ella prohibe tudo, louvado seja Deus! Até as pessoas moraes, as collectividades, as abstracções, já querelam da gente!»

Não é lei de liberdade,
Digo sem contestação,
Pois contestar é loucura;
É, mas é lei de prisão,
Que sómente dá vontade
De provocar a *soltura*.

HONRA E GLORIA!

Poema avariado em cantos varios

CANTO I

O CORTEJO

*Motivos que levaram D. Disparate a receber
D. Asneira, e successos que se deram.*

Um dia numerosa burricada
Transpõe do Refilão a vasta entrada,
Descem os cavalleiros pressurosos,
Sacodem os tamancos estrondosos,
E vão para o balcão decilitrar.
Aquelle antiquissimo solar
Era um coio de pulhas e malandros,
E em quaesquer reconditos meandros,
Ou nos vastos salões illuminados
Se praticavam actos depravados.

A bella comitiva acompanhara
Certa dama d'uma elegancia rara,
Para a qual um gallego, alli da esquina,
[Em quem ella apoiára a mão tão fina,
Quando desceu da misera alimaria,
Entre os yivas pimpões da turba varia]
Esta fala assoprou, todo arreganha,
Com retumbante voz e gesto extranho:
«Ora biba a xinora D. Axeneira!
Que axim bem tan garrida e praxenteira
Dar ua bida noba ao Disparate,
Que cun tanta alegria inté xá bate
Cun a cabexa n'estes muros. Biba!»
Então por toda aquella encosta arriba
O echo repetiu aquelle grito.
D. Disparate, um bolas pequenito,
Á dama se acercou todo carinho...
A musica tocava o *choradinho*.

Era D. Disparate um infeliz,
Que desde o tempo em que era ainda petiz
Um só desejo a mente lhe minou:
Ter herdeiro!... mas nunca o alcançou...
Perpetuar a raça tão preclara
Fôra o que ao matrimonio o obrigara.
Por isso bota fala áquella gente
Com modo solarengo, impertinente.

«Pataratas, palermas e mais tolos...
Enxuguem-me esses copos, comam bolos,
Hoje é dia de festa e de alegria...
[Se acaso algum de vós sentir azia,
Ou coisa assim, póde ir lá dentro, eu deixo]
Ora pois... para que isto no seu eixo
Continue a girar a vosso agrado,
Careço que um herdeiro féro e grado
Os meus balofos dias perpetue;
Por isso eu e, D. Asneira, tu,

Certos meios iremos empregar,
Buscando quem nos possa auxiliar.
Eis a razão porque, ó D. Asneira,
Te deixo entrar em minha capoeira...»
E apontava o solar dos avoengos!

Lá ao longe latiam uns podengos.
— Agoirento latir, diz um vassallo,
— Nada é capaz de me causar abalo,
D. Disparate volve, a companheira
Que tenho, dará luz á Parvalheira,
Pois que dará á luz um tal fedelho,
Que será presidente do conselho,
E encherá o mundo de alegria
Desde a China aos confins da Trafaria!

Salta d'alli então velho propheta,
De longa barba, mas feição abjecta,
Semelhando uma mascara de Entrudo,
Tal qual a imagem d'um paiz telhudo,
E esta falla vil do peito arranca,
Trepando lesto acima d'uma banca:
«Esse que nascerá com cer'bro ôco,
Será no mundo um sabio Mané Côco!»
D. Disparate acceso em ira e sanha
A dentuça voraz logo arreganha,
Separa da queixada metro e meio
E com ella traspassa o proprio seio...

Assim findaram tão propicias bodas,
Ficando memoraveis entre todas.

— — —
No 3.º numero publicaremos o 2.º canto, intitulado «O HEROE».



Um jornal que para ali arrasta vida ingloria, mas lucrativa, pois traz bonecos, coisa de que o publico tanto gosta, mesmo que os bonecos sejam detestaveis, disse que o sr. Gomes da Silva, escriptor conhecido, tinha o curso de Jumencia.

Tão lindo espirito de Cacilhas dá vontade de perguntar, que curso terá quem o sopra.

— Pois nem o de Jumencia?!

— Nem esse!...



O GATO agradece aos seus assignantes e ao publico em geral o lisongeiro acolhimento com que foi recebido.

THEATROS

É corrente lêr nos jornaes de Lisboa, referindo-se aos espectaculos publicos, phrases como estas : «as enchentes contam-se pelo numero de representações», o «bilheteiro não tem tido mãos a medir», «retirou-se muita gente sem bilhete, por isso a peça se repete, as pessoas, que não poderam alcançar logar, previnam-se hoje com tempo», etc.

Ora é preciso que o credulo provinciano, lendo estas coisas, lhes dê 90 % de desconto, e saiba da maior parte dos *reclames*, que os jornaes publicam, vão directamente das empresas theatraes.

Cada theatro tem um individuo encarregado da estopante tarefa de redigir diariamente e enviar a cada periodico uma local, exaltando as bellezas da peça, e chamando, por todas as fórmãs, a concorrência do publico.

Resulta d'isto que, ás vezes, na terceira ou quarta representação d'uma peça e quando a imprensa no maior auge noticia enchentes e delirios de enthusiasmo, vá um incauto ao theatra e encontre meia duzia de camarotes com gente, e umas quatro ou seis filãs de cadeiras occupadas.

Verdade é que as miserãs empresas theatraes muitas vezes se salvã d'esse fiasco, facilitando ingresso á nobre *freguezia da Graça*.

Esta respeitavel *freguezia* compõe-se d'amigos dos actores, empregados do theatro, e suas familias, de escriptores e jornalistas, e suas familias, ou simples conhecidos, e d'amigos particulares da empresa; todos vão gratuitamente ornamentar a sala, salvando assim as apparencias.

Raro é o jornal que faz uma critica imparcial, e mais raro ainda o que não publica, como seus, os *reclames*, que os theatros lhe remettẽm.

Portanto, honrado e bondoso provinciano amigo, a quem estas palavras especialmente são dedicadas, quando desejes ir ao theatro, procura qualquer pessoa que lealmente te dê informações sinceras, e não te esqueça o tal desconto de 90 %.

Entre as curiosidades theatraes, temos ainda as *clagues*, compostas por um dado numero de individuos, com o respectivo chefe, que dá o signal nas situações em que os applausos devem romper; os da grei secundã-no immediatamente, e parte do publico, mais ou menos suggestionado, applaude tambem.

Contou-nos alguẽm uma curiosidade, que transmittimos, porém, com toda a reserva, como se diz nas gazetas: o caso ratão de haver no Principe Real uma *clague* invertida, isto é, para dar pateada!

É geralmente sabido que n'aquelle bonito

theatro os dramalhões mettem sempre um cynico asqueroso, ou uma megerã immunda, que martyrisa as boas pessoas dos ditos dramalhões, pois quando o malvado, ou a perversã, exerce os seus maleficios, é quasi certo ouvir o protesto vehemente d'um tacão vingador, e não raro até phrases de protesto, nós não acreditamos, porém, que sejam essas manifestações de rancor devidas a uma original *clague*, assalariada, como as outras.

Mas visto que falãmos do Principe Real, deixem-nos em primeiro logar dizer que tem um bem projectado panno de bocca, no qual a execução não fica muito áquem da idéã, que o gerou; é elegante e attrahente.

Tratemos agora da *Galderia*, comõ prometemos.

É uma peça puramente popular, com scenãs escabrosas, em que o vicio se espande cruaemente, o que não a torna recommendavel ás filhas de familias honestas, com situações violentas, e despreziveis revelações de sentimentos repugnantes, a par de algumas raras manifestações de abnegação e altruismo exagerado.

Alguma coisa boa tem a peça: pôr na bocca de um condemnado a degredo um protesto enérgico contra a sociedade, que, exilando-o, não cuidou, como lhe cumpria, dos filhos, que ao desamparo deixou, sujeitos a toda a casta de contingentes barbaros da má sorte!

Eis uma bella these, cuja defeza devia ser tratada e discutida até que as sociedades providenciassem effizamente.

O desempenho geral da *Galderia* é razoavel, salientando-se as actrizes Julia Assumpção, Adelina Ruas e Maria das Dóres, n'um papel muito superior aos seus recursos artisticos, dos homens especialisamos Pato Moniz.

O scenario é tambem razoavel, nada tem, contudo, de deslumbrante.

Quanto á peça, diremos ainda, em poucas palavras, que é inferior aos *Dois Garotos*, do mesmo auctor; além de não ser tão apparatusa, coisa primacial em plateias populares, tem menos lógica e menos nexõ, os dois primeiros actos quasi não teem ligação entre si, nem com os outros.

E' provavel, porém, que se conserve no cartaz por muito tempo, e isso desejamos para bem de todos os que auferem do Principe Real os meios de subsistencia.

*
* *

NO AVENIDA

Josephina vendida por suas irmãs.

Trataremos d'ella no proximo numero.

SEARA ALHEIA

(SECÇÃO SERIA)

Prosas Selectas

Mas é tão avesso á minha razão dar de barato ao nada a explicação dos mysterios da vida humana, que antes quero acreditar que alguns paes infelicitam os filhos por se acostumarem á infelicidade propria ; e alguns filhos, olhando de longe para o infortunio, rebordam o ponto negro, que lá está, das côres variagadas e formosas que a imaginação novel lhes empresta. Nos primeiros annos da vida, a idéa da desgraça formamo-la imperfeitamente. Tantos são os vagos bens que anhelamos, a tantas miragens do deserto nos fogem os olhos namorados, que nunca o absoluto infortunio, as plagas infinitas sem fonte d'agua, nos parecem possiveis, nem experimentadas pelos mais famosos infelizes. Os romances dão-nos espectaculos de maxima desventura ; as tragedias ensanguntam a pagina onde vertemos lagrimas ; a voz publica relata supplicios da vida particular denunciados pelo gemido ou pelo escandalo. Que vale isso para imaginações juvenis ?

Ninguem se crê talhado para o molde das miserias excepcionaes. Além de que, tal homem que a sociedade considera desgraçado na vida intima, com sua esposa, vem ao mundo, e sorri, e folga, e aporfia em prazeres com os mais felizes ; tal esposa, que tem fama de martyr ou de algoz de seu marido, vem ao mundo, e rejubila, e captiva os olhares, que principiam piedosos o acabam por se desviarem descrentes de um martyrio, que deixa sorrir a martyr, ou de uma crueza que tinge de amavel brandura o semblante do algoz.

E assim é que a penetração de lêr em almas, e vêr no sorriso as lagrimas, e no gesto meigo o arremesso do tigre, só pôde dá-la muita experiencia de dôres proprias, muito estudar-se cada um em suas chagas e na industria com que as escondeu de alheios reparos.

Estrellas Funestas.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



Pantheon

Eleições

Ha entre el-rei e o povo
Por certo um accordo eterno :
Fórma el-rei governo novo,
Logo o povo é do governo
Por aquelle accordo eterno
Que ha entre el-rei e o povo.

Graças a esta harmonia,
Que é realmente um mysterio,
Havendo tantas facções,
O governo, o ministerio
Ganha sempre as eleições
Por enorme maioria !

Havendo tantas facções,
É realmente um mysterio !

JOÃO DE DEUS.



Lyra dos Consagrados

Calembourg

O' Jesuitas, vós sois d'um faro tão astuto,
Tendes tal corrupção e tal velhacaria,
Que é incrível até que o filho de Maria
Não seja inda velhaco e não seja corrupto,
Andando ha tanto tempo em tão má companhia.

GUERRA JUNQUEIRO.



Epigrammas

Compoz para leve andaço
Um doutor, doutor fatal,
Famosa receita, onde era
A menor dose mortal.
Indo depois á botica,
D'esta sorte o dono o investe :
— "Receite a todos o mesmo,
Meu doutor, e temos peste !"



Consta que um medico fôra
Inventor da guilhotina :
Deu bem rapidez á morte !
Mostrou saber medicina.

BOCAGE.

O DIABO COXO

ROMANCE DE LE SAGE

I

Quem diabo é o diabo coxo.—Onde e porque motivo D. Cleophas Leandro Peres Zambullo travou conhecimento com elle.

ENCHIA de espessas trevas a celebre cidade de Madrid uma noite do mez de outubro : já a população, recolhida a casa, deixava livres as ruas aos namorados, que queriam cantar maguas ou alegrias debaixo dos balcões das suas bellas; já o som das guitarras inquietava os paes de familia e alarmava os maridos ciosos; enfim, era quasi meia noite quando D. Cleophas Leandro Peres Zambullo, estudante de Alcalá, sahio bruscamente por uma trapeira d'uma casa, onde o indiscreto filho da deusa Cythera o havia feito entrar. Procurava elle conservar vida e honra, esforçando-se por escapar a tres ou quatro espadachins que, de perto, o seguiam para o matar, ou para o obrigarem á viva força a casar com uma dama, com a qual acabavam de o surprender.

Embora se visse só contra elles, tinha-se defendido valentemente, e não tinha fugido senão depois de o haverem desarmado na lucta.

Perseguiram-no algum tempo por cima dos telhados, mas conseguiu illudir os que o seguiam, graças á escuridão da noite. Dirigiu-se para uma luz que apezcebu ao longe e que, apesar de fraca, lhe serviu de pharol n'uma tão perigosa conjunctura.

Correndo varios perigos, chegou enfim a umas aguas-furtadas, d'onde sahiam os raios da tal luz, e entrou pela janella, tão transportado de alegria como o piloto d'um navio que, julgando-o perdido, o visse chegar a porto e salvamento.

Primeiro olhou em torno de si, muito admirado por não encontrar ninguem n'aquellas trapeiras, que lhe pareceram bastante extraordinarias, depois pôz-se a examinal-as com toda a attenção.

Viu uma lampada de cobre presa ao tecto, livros e papeis em confusão em cima d'uma mesa, uma esphera e compassos a um lado, frascos e quadrantes a outro, o que lhe fez supprór que em baixo morava algum astrologo, que vinha alli fazer as suas observações.

Pensava na felicidade com que escapara ao perigo, e deliberava com os seus botões se deveria ficar alli até ao dia seguinte, ou se deveria ir para outra parte, quando ouviu alguém saltar junto d'elle um grande suspiro. Julgou ao principio que fosse algum ludibrio do seu espirito agitado, uma illusão da noite, razão por que, sem se preoccupar com isso, continuou a reflectir.

Mas, tendo ouvido suspirar segunda vez, não teve duvidas de que alguma coisa de real havia e, apesar de não ver ninguem no compartimento, não pode deixar de exclamar:

— Quem diabo suspira aqui ?

— Sou eu, senhor estudante, respondeu-lhe immediatamente uma voz, que tinha alguma coisa de extraordinario. Estou ha seis mezes fechado n'um destes frascos. Nesta casa habita um sabio astrologo que é magico: é elle que, pelo poder de suas artes, me conserva encerrado n'esta estreita prisão.

— É pois um espirito? perguntou D. Cleophas, um tanto perturbado com a novidade da aventura.

— Sou um demonio, redarguiu a voz, o senhor vem muito a proposito para me livrar da escravidão. Desfalleço na ociosidade, porque sou o diabo mais vivo e mais laborioso do inferno.

Taes palavras causaram algum pavor ao sr. Zambullo, mas, como era bastante corajoso, cobrou animo e disse com voz firme ao espirito:

— Senhor diabo, diga-me, se lhe apraz, qual é a sua categoria entre os collegas, se é um diabo nobre ou plebeu ?

— Sou um diabo de importancia, respondeu a voz, e, d'entre todos, aquelle que maior reputação gosa n'um e n'outro mundo.

— Será, por acaso, o diabo, que se chama *Lucifer*.

— Não, retorquiu o espirito, esse é o diabo dos charlatães.

— E' *Uriel*? volve o estudante.

— De modo algum! interrompeu bruscamente a voz; é o patrono dos commerciantes, dos alfaiates, dos cortadores, dos padeiros e dos outros ladrões do povo.

— Será acaso *Belzebuth*? disse Leandro.

— Está trocando comigo? respondeu o espirito; esse é o diabo das aias e dos escudeiros.

— Muito me admira isso, obtempera Zambullo, cuidava que *Belzebuth* era um dos mais conceituados.

— E' um dos mais insignificantes, confirma o demonio, o senhor não tem idéas nitidas com respeito ao nosso inferno.

— Será, então, continuou Cleophas, *Leviathan*, *Belphégor* ou *Astarosh*?

— Oh! esses, exclama a voz, são diabos de primeira ordem, são espiritos da córte. Teem assento no conselho dos principes, inspiram os ministros, pactuam as alliações, excitam as rebelliões dos Estados, e incendiam os fachos da guerra. Não são velhaquetes, como os primeiros que nomeou.

— Ah! então diga-me, por favor, redarguiu o estudante, quaes são as funções de *Flagel*?

— E' a alma da chicana e o espirito do fóro, explica o demonio. Foi elle que redigiu o protocollo dos alcaides e dos tabelliães. E' elle quem inspira os litigantes, que impera nos advogados e submete os juizes. Eu cá exerço outras occupações: faço os casamentos ridiculos, ligo velhotes a raparigas, patrões a creadas, donzellas sem dote a ternos amantes sem vintem. Fui eu que introduzi no mundo o luxo, os prazeres immoderados, os jogos de azar, e a chimica. Sou o inventor dos carroceis, da dança, da musica, da comedia, e de todas as modas novas francezas, n'uma palavra, sou o Diabo Coxo.

— Oh! pois que! exclamou Cleophas, será o famoso Asmodem, de quem Agrippa faz tão gloriosa referencia, bem como a *Clavicula*, de Salomão? Ah! mas no fim de contas não me mencionou todos os divertimentos que o occupam, esqueceu o melhor. Sei que se compraz ás vezes em soccorrer os amantes infelizes; e de tal fórma que o anno passado um bacharel meu amigo obteve, por seu intermedio, na cidade de Alcalá, a complacencia da mulher de um doctor da Universidade.

(Continúa)

CORRESPONDENCIA

MAÇÃS DE D. MARIA

Relata-nos o nosso solicito correspondente uma grave contenda havida entre o regedor da freguezia e a sr.^a D. Maria da Piedade Consolação, de Via-Longa, por causa d'umas maçãs, que, pertencendo a D. Maria, pois eram de uma arvore do seu quintal, foram nascer no quintal do regedor, porque o ramo da macieira, passando por cima do muro que divide os dois quintaes, que são paredes meias, foi dar á luz magnificas maçãs no quintal da auctoridae.

O galho da arvore, diz o regedor que lhe pertence, bem como todos os galhos que estejam no que é d'elle; D. Maria, porém, não fazendo questão dos galhos, que o homem diz pertencerem-lhe, o que quer é o valor em bello papel sonante das suas ricas maçãs.

Entregue a questão ao tribunal competente, refastela-se o nosso solicito correspondente em repolhudos periodos e commentarios varios, narrando os tramites que o processo seguiu até á Procuradoria Geral da Corôa e Fazenda!

Ora D. Maria é uma senhora bastante edosa, talvez devido a isso seja tão impertinente, portanto, o nosso solicito correspondente :

Quando se der caso igual
Ao que agora noticia,
E provoque taes *questans*,
Encurtando o estendal,
Guarde lá D. Maria
E mande só as maçãs.



Publicamos com prazer, e agradecemos, as seguintes referencias de alguns amaveis collegas :

Vanguarda:

«O Gato invadiu-nos hontem a casa da redacção n'uma correria ruidosa, alegre e desenfreada. Mas não se assustem, porque não se trata de um bicho, mas de um delicioso semanario de critica ligeira, reluzente na forma, e conceituoso na essencia. O director litterario chama-se *Riso Amargo*, que é afinal o que caracteriza o mundo com todas as suas imperfeições. O Gato assegura-nos que é feito de barro commum, — mas escolhido e artisticamente cinzelado, accrescentaremos nós.»

Tempo:

«O Gato. — Recebemos o n.º 1 d'este semanario humoristico, que vem bastante engraçado e interessante.»

Correio Nacional:

«Publicou-se hontem o 1.º numero do semanario alegre de critica ligeira, intitulado O Gato.

Damos as boas vindas e desejamos muitas felicidades.

Seculo:

«O Gato e A Gata. — Publicaram-se hontem em Lisboa os primeiros numeros de dois novos semanarios humoristicos, que justificam o titulo da nossa noticia. Um intitula-se O Gato, é impresso em oito paginas e envolta n'uma capa de annuncios, sendo o seu preço de 20 réis; e o outro intitula-se A Gata tem quatro paginas e o seu preço é de 10 réis.

A coincidência dos titulos e a appareição dos dois jornaes no mesmo dia são dignos de nota.

A Folha do Povo:

O n.º 1 do O Gato, semanario de critica ligeira, um dos jornaes do seu genero que mais popularidade conquistou, refere-se, com muito espirito, á prisão do nosso presado amigo e collega Baptista Machado. Quem não deve achar-lhe muita graça é o sr. José Luciano de Castro e o sr. Ressano Garcia.»

Jornal de Penafiel:

«O Gato. — Começou no domingo ultimo, a publicar-se em Lisboa, o engraçado jornal O Gato, semanario alegre de critica ligeira e independente. Pelo numero que temos presente vê-se que insere artigos cheios de *verve* e apresentando-se muito bem redigido.

O seu custo de assignatura por trimestre é de 250 réis e numero avulso 20 réis.

Agradecendo o exemplar recebido, desejamos longa vida ao novo collega.»

Gazeta de Caminha:

«O Gato. — Visitou-nos o 1.º numero d'este semanario alegre, que vê a luz publica em Lisboa.

Interessantissimo e cheio de graça, merece bem a protecção publica.

Agradecemos a amavel visita.

A Opinião:

«O Gato. — Recebemos a visita d'este novo semanario de critica alegre, que vê a luz da publicidade em Lisboa.

Agradecemos a permuta.»

O resto dos collegas da capital nem accusou a visita do O Gato. Paciencia!



O Gato agradece a visita dos seguintes collegas:

Echo de Poiars, n.º 1, bem redigido e interessante. Longa vida e prosperidade!

O Gaviato, do Porto.

Jornal da Anadia.

Jornal de Reguengos.

Jornal de Penafiel.

Jornal de Santo Thyrsso.